

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
NÚCLEO DE EDUCAÇÃO, AVALIAÇÃO E PRODUÇÃO PEDAGÓGICA EM
SAÚDE
PROGRAMA DE RESIDÊNCIA MULTIPROFISSIONAL INTEGRADA EM
SAÚDE MENTAL COLETIVA

Glauce Janaina Viana

**Equilíbrio no fio da alegria:
A possibilidade do encontro num acompanhamento terapêutico**

Porto Alegre
2013

Glauce Janaina Viana

**Equilíbrio no fio da alegria:
A possibilidade do encontro num acompanhamento terapêutico**

Trabalho de conclusão apresentado ao programa de Residência Integrada Multiprofissional em Saúde Mental Coletiva da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de especialista em Educação em Saúde Mental Coletiva.

Orientadora: Bianca Sordi Stock

Porto Alegre
2013

ao quarteto fantástico, fruto de um encontro de singularidades, que suscitou paixões alegres e deixou marcas muito profundas, de um fazer político e de uma potencialidade de agir ainda desconhecida. Obrigada por ajudar-me manter o equilíbrio no desequilíbrio da vida.

Para Dani, Helô, Branquinha e Visconde.

GRATA...

Ao Visconde, por estar no mesmo barco e remar junto, por se dispor ao encontro e a experimentar um percurso cheio de incertezas e alegrias;

À orientadora deste trabalho, Bianca Sordi Stock, por me instruir na aventura de me perder nesta escrita, como quem se perde em uma floresta;

Às amigas de todas as horas, Daniele Dalmaso e Liana Bolzan, pela acolhida, pelo compartilhar desta trajetória com alegria e marcar profundamente minha alma;

À Heloisa Germany, por me contagiar com seus devires, pela amizade e por partilhar de sua vida como obra de arte;

À Laura Gallo, pelo cuidado sensível e pelo companheirismo;

Aos colegas da turma de residência, pela oportunidade de um viver coletivo intenso e repleto de invenções;

À Ana Paula Tibulo, pelo olhar sensível às pequenas coisas, imprimindo alegria e calor aos encontros;

Às preceptoras, Károl , Rosmarie e Rebeca pelo acolhimento continente das angústias;

Às equipes dos serviços, nos quais fiz minha formação, pelo acolhimento e por partilhar do cotidiano de trabalho, abrindo-se ao estrangeiro. Ao Laerte Silva, pela tutoria amiga e à Elisabeth pela parceria no território.

À coordenação da residência, em especial ao Pai Ceccim e Analice, pela militância e por SUStentar processos de invenção de vida;

À Maria Cristina Carvalho, pela luta, pela vida, pelo exemplo a ser seguido;

À Vilene Moehlecke, por generosamente aceitar ver com a pele esta escrita;

À minha tribo psicodramática, pelo colo, por acreditar na potência criativa e espontânea do ser humano e me incluir na ética do improvisado;

À minha família linda, por estar comigo de corpo e alma e tornar possível, com seu amor, chegar até aqui, em especial minha mãe, Emira, meu pai Aurio e minha mana Cely;

À minha amada tia, Noeli e, tio João por me acolherem incondicionalmente em sua casa durante minhas andanças nômades;

Aos amigos da vida, dos coletivos, por colorir a vida e nos colocar em devir-ave;

Ao meu amor, Buião, por acreditar nos meus projetos, suportar minha ausência e me cobrir de afeto em nossos reencontros;

À vida e a sua re-invenção a cada bifurcação dos caminhos!

O Equilibrista

Era uma vez um equilibrista. Ou era uma residente? Bem, não sei... Só sei que como um equilibrista vivia em cima de um fio, sobre um abismo. Cedo descobriu que ela mesma é que tinha de ir inventado o que acontecia com o fio. E aos poucos ia descobrindo quanta coisa legal podia fazer com ele. Encontrou-se com outros equilibristas e todos iam equilibrando-se dentro do possível. É verdade que, às vezes, ficava morrendo de inveja de quem tinha um chão, mesmo que fosse feinho. Na mesma hora se desequilibrava e caía, enquanto caía gritava: - Onde fica o chão? Procurava, queria saber onde era embaixo. Não encontrava. Desistia. Pensava: - O jeito é ir desenrolando o meu fio... Pensando bem gosto de ser equilibrista... Pensando bem, como é dura a vida de equilibrista! Pensando melhor, é ruim e bom, tudo misturado! De vez em quando dava uma paradinha e olhava pra trás e se admirava: - Puxa! Meu chão fui eu mesma que fiz! A equilibrista pensava no justo tempo e andava no justo tempo. Pensava: - Aprendi a fazer isso com o tempo. E assim foi chegando ao fim do fio.

(O Equilibrista, Fernanda Lopes de Almeida)

RESUMO

Este trabalho apresenta o relato de uma experiência vivida durante o período de Residência em Saúde Mental Coletiva na forma da narrativa de um acompanhamento terapêutico através do qual se propôs a problematizar o fazer clínico e seus desdobramentos enquanto plano de produção de processos de subjetivação. Com auxílio de teóricos da filosofia da diferença, desenvolve uma discussão sobre as implicações éticas, estéticas e políticas da clínica e aponta o viés da escuta do corpo e da alegria como balizas dos encontros neste campo.

Palavras-chaves: Saúde Mental Coletiva, Acompanhamento Terapêutico, Ética, Subjetividade, Alegria.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 ENCONTRO COM O FIO OU QUANDO NOS DESCOBRIMOS EM CIMA DELE.....	14
3 A ALEGRIA DO ACOMPANHAMENTO... AVENTURAS EM CIMA DO FIO..	21
3.1 No equilíbrio da alegria	27
3.2 Efeitos de um estar-junto	29
4 A CLÍNICA DA ALEGRIA OU DESENROLAR DO FIO	36
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
REFERÊNCIAS	43

1 INTRODUÇÃO

“... que se pudesse partir ao meio toda coisa inteira, que todos pudessem sair de sua obtusa e ignorante inteireza. Estava inteiro e para mim as coisas eram naturais e confusas, estúpidas como o ar: acreditava ver tudo, e só havia a casca. Se você virar a metade de você mesmo, e lhe desejo isso, jovem, há de entender coisas além da inteligência comum dos cérebros inteiros. Terá perdido a metade de você e do mundo, mas a metade que resta será mil vezes mais profunda e preciosa. E você há de querer que tudo seja partido ao meio e talhado segundo sua imagem, pois a beleza, sapiência e justiça existem só no que é composto de pedaços.” (Visconde Medardo, em o Visconde Partido ao Meio, Ítalo Calvino, 1996)

Difícil. As palavras estão no corpo ferido. Soltas. Pulam, rodopiam, espremem, apertam, viram borboletas. Precisam sair e circular, fazer roda. Não todas juntas, mas aos poucos, pra não engasgar...

O que proponho na escrita que se desenha é compartilhar fragmentos do tempo residência¹, sedimentados no corpo e alimentados por marcas que se produzem ou atualizam pelos estados vividos em meu corpo no encontro com outros corpos, indicando potências e misturas. Marcas que violentam, constroem, produzem estados inéditos a partir das composições que vivencio e que instauram uma abertura para criação de um novo corpo. Certamente já não sou a mesma e sigo em constante desassossego a cada palavra que utilizo para dar consistência a esta experiência.

¹ Residência Integrada Multiprofissional em Saúde Mental Coletiva é a formação em área profissional da saúde na modalidade de educação pós-graduada em serviço. Duração de 24 meses.

No trabalho de elaboração de uma narrativa possível, sigo pistas que me conectem as marcas, formando uma rede de significações. Busco rememorar sensações, observações, informações e experiências. Que me levam a imagens, cenas, territórios subjetivos. “Anseio por narrativas singulares, com rigor ético/estético/político” (ROLNIK, 1993). Quem me dera, narradora. Sabedora da arte de intercambiar experiências (BENJAMIM, 1994).

Uma das marcas que me movimenta e produz linhas de fuga na permanente construção de modo de ser psicólogo é a da escuta do corpo. Estar atenta a gestos, movimentos, texturas, cheiros, sentidos de engendramento constante da vida em todos os seus liames, para além do encadeamento de palavras e seus tropeços. Provocar deslocamentos numa das principais funções dos profissionais do campo psi, a escuta da palavra. Tomada enquanto encargo social, produzida historicamente no processo de legitimação da função psi. Desejo por em questão nossos especialismos, na busca de estratégias vivas contra o conservadorismo das imagens identitárias e representativas.

Estando em acordo que a dimensão ética está presente em todos os âmbitos da nossa existência, ou seja, às nossas experiências cotidianas, na dimensão pública ou no privado, essa discussão vai localizar-se prioritariamente no domínio da clínica e da ética orientadora de suas práticas: das decisões que somos convocados a tomar e das implicações com as quais temos que nos haver em nossas práticas ligadas a processos de produção de subjetividade (RODRIGUES & TEDESCO, 2009).

Nesse sentido, me pergunto qual o trabalho clínico possível diante desta realidade amplificada, que busca superar dicotomias, tão enraizadas na história da construção de nosso pensamento, como a entre mente e corpo? Evocando Espinoza, o que pode o corpo? Como nosso corpo pode afetar e ser afetado? Quais são as afecções que nosso corpo é capaz? Como superar a dialética mente e corpo e vivenciar o fluxo dos acontecimentos? Este corpo que se apresenta como um território existencial subjetivo, atravessado por uma demanda social, política e econômica, de múltiplas formas.

O pensamento ético, que pode ser traduzido pelo exercício de problematização de nossas práticas com vistas ao aumento da potência do corpo, combina o desejo e a realidade. A postura ética permite que nos desprendamos desses modos de agir que ficaram presos a valores que se pretendem a-históricos, mas tem sua potência rematada pela própria história, e que possamos nos desatrelar, seguindo caminho e afirmando valores que confirmem a possibilidade da “constante invenção de nós mesmos por meio dessa conexão dos afetos com os modos de subjetivação, dos devires com a multiplicidade de elementos políticos, econômicos e sociais presentes na contemporaneidade” (GIACOMEL; RÉGIS & GALLI, 2004, p.90).

Neste texto procuro através do relato de uma experiência de acompanhamento terapêutico, realizado no percurso da residência, apontar algumas pistas na direção da construção de uma ética clínica que nos acolha em nossa condição humana, sem dicotomias e classificações binárias. Processo que penso ser contínuo tanto em meu trabalho, enquanto psicóloga como de vida, se é que seja possível uma separação, o que pela própria direção do texto, penso que não.

O caminho vai se fazendo ao caminhar e um modo cartográfico se inscreve como possibilidade metodológica de compartilhamento desta experiência que se propõe interventiva. Como forma de habitar um território existencial, afirma-se a impossibilidade da separação entre conhecer e fazer, sujeito e objeto, visto que esta experiência agencia todos estes elementos num plano de coemergência (PASSOS & BARROS, 2010). Trago como companheiros de viagem, alguns teóricos-viajantes que têm se proposto a cartografar a temática do corpo e da clínica enquanto produção de subjetividade a partir de autores da filosofia da diferença. A escrita se trata, então, da narrativa do vivido como condição para o surgimento da experiência. O enredo não está posto a priori, pois justamente é através de sua experimentação que a realidade vai sendo inventada.

Assim, as pistas e as marcas nos levam ao plano da clínica nos contornos de um Acompanhamento Terapêutico (AT) que por se tratar de uma clínica suscetível aos acontecimentos intempestivos do cotidiano força uma mudança na postura dos profissionais, para os quais não é mais possível manter a atitude padrão previsível e – na medida do possível – controlada, de quem trabalha entre quatro paredes (PALOMBINI, 2008). Por isso, encontro no AT uma possível estratégia de resistência de resgate da dimensão ético-estético-político da clínica. Uma potente ferramenta teórica para pensar e intervir nos modos atuais de habitar a contemporaneidade, de estar à altura do que nos acontece e dos nossos encontros, que ao serem narrados se constituem num plano de imanência.

O encontro e o que se produz a partir dele constituem o que de mais substancial se incorpora a esta escritura, tateando por entre as possibilidades

de escuta do corpo e do pensamento, na intenção de que possam compor junto aos movimentos da vida, novos modos de subjetivação, buscando ampliar noções caras ao campo de uma saúde mental que se pretende coletiva.

2 ENCONTRO COM O FIO OU QUANDO NOS DESCOBRIMOS EM CIMA DELE

“Neste meio tempo, solicitou Dom Quixote a um lavrador seu vizinho, homem de bem... e de pouco sal na moleira; tanto em suma lhe disse, tanto lhe martelou, que o pobre se determinou a sair com ele, servindo-lhe de escudeiro.” (Cervantes – 1605; p.53)

Conheci o Visconde² em meu primeiro dia no CAPS³. Enquanto aguardava ser recebida pelo tutor na sala de espera do local, vejo entrar um senhor franzino, magro, seco de carnes, meio amarelo, igual palha de milho. Aparência caricata. Quixotesca. Caminha pela casa cumprimenta quem vai encontrando, sutilmente percebe minha presença - um corpo estranho no ambiente. Cumprimenta-me com um aceno de cabeça e um olhar, com um “quê” de simpatia. Ao fundo uma voz adverte: - Cuidado com ele! Adora agarrar as mulheres e não soltar mais! É um sedutor, começa a beijar a mão e vai subindo!

Estranhei. Não parecia estar falando da mesma pessoa que eu acabara de conhecer. Aquele senhor dotado do olhar de um azul alegre e profundo que contrastava com o amarelo do rosto, mais parecia carregar um oceano de

² Visando o sigilo necessário, tomo o cuidado de preservar a identidade da pessoa acompanhada utilizando um nome fictício ao me referir a ela.

³ CAPS é a sigla para Centro de Atenção Psicossocial e trata-se, a partir da perspectiva da construção de linhas de cuidado, a principal estratégia do processo de reforma psiquiátrica brasileira. São serviços abertos, de base territorial, que se destinam a acolher pessoas em sofrimento psíquico, subvertendo a lógica manicomial.

emoções dentro de si do que apresentar algum perigo. De acordo com Baptista (1997), ao refletir sobre a relação entre subjetividade e urbanismo, nosso olhar está opaco, embaçado pelo modo capitalístico contemporâneo de subjetivação, tornando-se o que ele chama de um olhar passageiro cadavérico. Ainda segundo o autor, estamos impregnados de velocidade, mas não saímos do lugar, somos paralisados pelo excesso. E nesse contexto, na interpelação das diferenças, “o outro, quando visto, transforma-se em imagem congelada, clichê”. Naquele momento alguma coisa se fazia questão dentro de mim. Porque apresentá-lo de antemão? E porque o fazê-lo de forma tão pejorativa? Por um segundo duvidei que estivesse em um CAPS.

Moehlecke (2005), ao problematizar o corpo que dança e sua temporalidade se utiliza do pensamento de Deleuze sobre o tempo a partir de imagens: imagem-movimento e imagem-tempo. É possível pensar que assim como na dança, também nos encontros, se constitui um plano de imanência, que transcende, opondo-se a tudo que compõe o mundo do sujeito e do objeto, se caracterizando pela multiplicidade, pelo movimento rizomático, e o que se denomina da ordem do Impessoal. Aquilo que se opera no entre, na relação com o fora, no que se desdobra. O fora enquanto um jogo forças de diferentes intensidades, intempestivo, que estão em constante relação. O plano do Impessoal acolhe a multiplicidade, refere-se ao acontecimento puro, a vida em sua potencia, constituindo o paradoxo de uma vida impessoal, da ordem do coletivo e também singular. Ao se conectar as potências do Impessoal o corpo se abre ao encontro para criação de novos modos de existir, outra temporalidade, que rompe com a idéia de tempo linear e cronológico.

A partir das discussões sobre o Impessoal e da possibilidade da experiência de outro tempo, inventivo e aberto a criação de novos modos de vida, voltamos às imagens do tempo apresentadas por Deleuze. Na lógica da imagem-movimento, temos o tempo cronológico, previsível, seqüencial, causal, que supõe uma linearidade subordinada ao movimento respeitando certo ordenamento. Nessa forma de tempo se produzem os clichês, imagens sensório-motoras produzidas a partir da percepção parcial das coisas, de acordo com nossos interesses. Imagens congeladas, que buscam seu manutenção, sem atualizações ou transformações do corpo. A cronicidade, a cristalização dos rótulos, o estigma, o tempo do manicômio...

Entretanto, algo acontece... Um encontro... Os sentidos se ampliam, extravasam o campo sensório-motor, é possível ver e ouvir, o que não é mais passível de ação. “Trata-se da imagem-tempo, na qual o tempo já não se subordina ao movimento, mas este se transforma na perspectiva do tempo (2005, p. 50)”. Não sou mais a mesma, arrisco dizer que, não somos mais os mesmos, algo excessivo transbordou excedendo minha capacidade sensorial, meu corpo todo investido na quebra da imagem-movimento. Abre-se o corpo à possibilidade do devir, ao vazio próprio ao plano do Impessoal que incita a mudança, a passagem.

Interessei-me por aquela vida. Uma das coisas boas de ser residente é que temos tempo e por isso podemos nos interessar pelas pessoas, atentos aos seus pormenores. No exigente cotidiano do serviço são tantas as atividades e intensas demandas de cuidado que muitas vezes os trabalhadores se parecem com o coelho de Alice no País das Maravilhas. Correm apressados de um lado pro outro como se houvesse sempre um incêndio a ser apagado.

Como nos diz Merhy (2004), “são coletivos que operam no olho do furacão”, que vivenciam as contradições deste processo, as tensões que o desafio de se lançar na invenção de formas de ser antimanicomial impõe. E isso não é pouco. Muitas vezes é difícil quebrar a imagem-movimento, que confere linearidade e a segurança do conhecido, em meio a tantas tensões.

Na ocasião de minha chegada ao CAPS, o Visconde e demais pessoas estavam em processo de elaboração da saída de técnicos que compunham a equipe antiga do serviço. Tratou-se de um processo doloroso ao qual Visconde não passou ileso, reclamava a falta de sua terapeuta de referência⁴, a saudade que lhe doía na alma. Às vezes, chegava chorando, triste e inconformado. Na superfície de seu corpo marcadamente magro era possível ler o sofrimento.

O Visconde vinha ao CAPS diariamente, não porque esse fosse seu plano terapêutico⁵ (ou porque fosse...), mas para ver as pessoas, conversar um pouco e o fazia principalmente depois que sua terapeuta de referência tinha ido embora. Evidenciando que o corpo sabe do que precisa, sabe sem saber (ALVES, 2011).

Nestes encontros diários e diante de minha disponibilidade em escutá-lo nos aproximamos do desenho de algo na linha de um Acompanhamento Terapêutico (AT). No início não sabia muito bem para onde nosso vínculo estaria nos levando, mas nos deixamos levar pela sabedoria do corpo, que como nos ensina Rubem Alves (2011), sabe de tudo o que é necessário. Como

⁴ Terapeuta de referência é um termo utilizado para se referir à função exercida por um profissional da equipe do serviço de focalizar a atenção em alguns usuários, planejar, acompanhar e avaliar o conjunto de ações terapêuticas que constituem o plano singular de cada usuário, numa espécie de agenciamento de demandas. A escolha por determinado profissional é feita levando em consideração, prioritariamente o vínculo com o usuário.

⁵ Plano terapêutico singular é o conjunto de dispositivos planejados para atender as necessidades de tratamento dos usuários, de forma a valorizar as especificidades de cada caso.

na história que conta que, um gafanhoto, ao encontrar-se com uma centopéia que descansava entre as folhagens lhe fala do quanto admira sua elegância tranqüila ao caminhar, com suas cem perninhas, todas se movendo na ordem certa, tendo jamais visto uma centopéia tropeçar. Curioso, lhe pergunta qual a perna que ela mexe primeiro? A centopéia teria agradecido os elogios e humildemente reconhecido que ela nunca havia pensado nisso, andava sem pensar e iria procurar prestar mais atenção. Conta-se que daquele dia em diante a centopéia ficou paralisada.

O Visconde, que não era Dom Quixote, mas se fazia cavaleiro andante, montado em sua bicicleta de três rodas, carinhosamente chamada de “Pretinha”, circulava pelo bairro de moradia, sendo esse um de seus prazeres. Pelos caminhos, alguns pontos de chegadas e de possíveis encontros, dentre eles o CAPS. As saídas também serviam para recolher objetos abandonados pelas ruas que julgava lhe serem úteis. O corpo vibrátil⁶ atento ao que lhe afeta, provoca, convoca sua atenção, como um “*passageiro andante*” que flana pelo seu território.

É difícil precisar quando exatamente teve início o AT, pois a partir de nossos encontros fomos construindo a demanda para tal modo de estar junto. Talvez nossa primeira saída, com o intuito de trocar discos de vinil em um sebo, ou quem sabe minhas primeiras experimentações em seu triciclo. Porque não, nossas conversas ao pé de uma árvore no encosto do muro do CAPS? Ou ainda os inúmeros convites para que eu o acompanhasse em sua circulação pelo bairro. O que sei é que eu estava ali, vulnerável ao ambiente que me acolhia, atenta as multiplicidades, aos acontecimentos, processos, devires e

⁶ “Vou designar o exercício intensivo do sensível por “corpo vibrátil...” (ROLNIK, 2004, p.256)

agenciamentos que constituem a possibilidade de um *entre*. A espreita. Confusa, mas no exercício de uma receptividade engajada e afetiva ao território existencial e numa perspectiva de composição (ALVAREZ & PASSOS, 2010).

Atenta aos processos de vida, daquela vida. No plano de ploriferação, que compõe a vida e no qual os corpos expressam sua potencia de afetar e ser afetado. É neste *entre* que o “desejo flui e cria mundos agenciando modos de expressão e a conectividade da vida em suas múltiplas experimentações” (NEVES, 2009). Os planos se constroem na medida em que experimentamos a possibilidade dos encontros, corremos os riscos. Aberta a experiência do encontro.

“Somos um grau de potencia, definido por nosso poder de afetar e ser afetado” (PELBART, 2008) e para conhecer nosso potencial precisamos experimentar o encontro com outros corpos. As afecções são estados do corpo que resultam em paixões alegres ou tristes, estes se referem respectivamente, ao aumento de nossa potencia de agir e diminuição da mesma. As paixões tristes como apontado por Espinosa (apud PELBART, 2008), são comuns aos estados de dominação, pois produzem paralisias e consomem nossa potencia de agir, são chamados de maus encontros. Este é o risco que assumimos ao nos dispor ao encontro com o diferente, como o desconhecido. Mas, Espinosa nos sinaliza a importância de ficarmos atentos aos efeitos produzidos nos encontros e com o tempo ir desenvolvendo uma capacidade de selecionar aqueles que nos favorecem, os encontros que nos aproxime do aumento de nossa potencia de agir instaurando normas de vida. Não sabemos da potencia do encontro a priori. Quais os processos de subjetivação possíveis? Os

devires... O que poderia se processar do encontro de uma residente, atravessada por sua formação em Psicologia e um usuário, no terreno da saúde mental coletiva?

3 A ALEGRIA DO ACOMPANHAMENTO... AVENTURAS EM CIMA DO FIO

No descomeço era o verbo.
Só depois é que veio o delírio do verbo.
O delírio do verbo estava no começo, lá onde a
criança diz: Eu escuto a cor dos passarinhos.
A criança não sabe que o verbo escutar não funciona
para cor, mas para som.
Então se a criança muda a função de um verbo, ele
delira.
E pois.
Em poesia que é voz de poeta, que é a voz de fazer
nascimentos —
O verbo tem que pegar delírio.
(Manoel de Barros, O Livro das Ignorãças, 1994)

Palombini (2008), ao nos falar da clínica do AT, diz que o mesmo se caracteriza como uma clínica em ato, itinerante, do cotidiano, fora do setting, no corpo da cidade pulsante. A clínica no AT está sempre sujeita aos imprevistos da rua, não conta com a proteção resguardada do contexto circunscrito do setting tradicional, entre quatro paredes. Portanto, sempre sujeita ao intempestivo, ao inusitado nos convocando a cada esquina, a cada bifurcação uma conexão inventiva. Conforme Cabral (2005), o AT é uma modalidade clínica que se utiliza do espaço público da cultura como dispositivo para o ato terapêutico. O trabalhador de saúde que se utiliza dele em sua prática, se lança no desafio de questionar as formas clínicas instituídas e circula com o usuário pelo tecido social, facilitando a emergência de um encontro.

Visconde reside sozinho em uma casa alugada, de um cômodo mais banheiro, nos fundos do locatário. Queixa-se de solidão. Diz sentir-se muito só. Explicita continuamente uma carência afetiva, produtora de intenso sofrimento. Em nossas conversas, repetidas vezes, fala na vontade de morrer, de “sumir do mapa”, de “ir lá pras bandas do dique e não voltar mais!”. Nesses momentos o oceano que traz dentro dos olhos transborda e lhes escorre pelo rosto amarelo.

Tem poucos familiares por perto, apenas uma irmã e alguns sobrinhos que residem no bairro, mas com os quais não possui uma relação de confiança. Refere conflitos familiares desde o falecimento do pai, a cerca de cinco anos. Recebe uma aposentadoria, fruto de um processo de interdição e sua curatela é de responsabilidade de um conhecido, que mensalmente lhe repassa o benefício.

Entretanto, este conhecido havia procurado o serviço informando que iria mudar-se e não poderia mais ter o compromisso de receber o benefício do Visconde e se responsabilizar pelo assessoramento em seus gastos, pois iria residir em outra cidade. Diante desta mudança e nova realidade a equipe do CAPS percebe a necessidade de trabalhar questões referentes à autonomia com o Visconde e endereça a mim tal demanda, visto o vínculo que vínhamos construindo.

Cabral (2005), em sua tese de mestrado, compartilha suas incursões na clínica do AT por meio de um caso clínico. Neste estudo discorre sobre alguns fundamentos teóricos psicanalíticos que dão suporte as intervenções no acompanhamento terapêutico dos quais destaco o período de tempo inicial,

que segundo a autora, Freud chamou de tratamento de ensaio e posteriormente Lacan denominou de entrevistas preliminares. Seria este o período de início destinado à vinculação da pessoa ao seu tratamento e ao terapeuta – transferência – e o estabelecimento de um diagnóstico diferencial entre neurose e psicose, condição primordial para condução e direcionamento do tratamento psicanalítico.

Vínhamos neste processo de construção de um vínculo. O Visconde me procurava sempre que vinha ao CAPS e eu me dispunha a escutá-lo, procurando conhecê-lo a partir do saber que trazia de si mesmo. Interrogava-me sobre sua permanência no serviço, pois embora estivesse vivenciando um momento difícil, de intenso sofrimento em decorrência da troca de muitos profissionais, em especial de sua terapeuta de referência, o que fazia ali antes disso? Que lugar o serviço ocupava em sua vida? Que cuidado e acompanhamento se tinha com o Visconde? Porque interdição? O serviço reclamava que o Visconde não cumpria seu plano terapêutico (estava todos os dias no CAPS, mas não participava das atividades prescritas), mas me indagava de quais os planos do serviço para ele? Burocráticos?

Passei a pesquisar os registros em seu prontuário e me decepcionei ao constatar que, embora há muitos anos “em tratamento” existiam pouquíssimas evoluções, sendo, estas poucas dos atendimentos com o médico psiquiatra, nas quais constava o CID de esquizofrenia e retardo mental e medicações prescritas. As informações a respeito do Visconde eram passadas oralmente por uma antiga técnica da equipe, a única que permaneceu na troca dos profissionais.

Tais analisadores levaram-me a pensar que era difícil para esta equipe ter um olhar para as necessidades do Visconde, talvez porque, naquele momento ele encarnasse o sofrimento de todos, bradando aos quatro – ventos a dor do luto que vivenciavam. Levei o caso do Visconde para as reuniões de equipe e me vi imbuída do compromisso de dialogar com a equipe sobre ele. Percebi que se fazia necessário ativar a potencia destes fluxos, agenciar forças que pudessem desprender dessa identidade cristalizada, dando consistência aos elementos virtuais que se atualizam e abrem passagem a um outro tempo, plástico e inventivo (Moehlecke, 2005). Trazer a tona sua vida, sua história. Compor um plano, um enredo e ajudá-lo a deslizar.

Ao tomar a AT enquanto um dispositivo⁷ Cabral (2005) afirma que uma de suas principais tarefas é:

(...) re-conectar o sujeitos com sua potencias, auxiliá-lo a se reconhecer desde outro lugar, libertar-se dos códigos de loucura depositados sobre ele ao longo dos anos, e auxiliar a família e a sociedade a reconhecerem neste sujeito, até então “sem razão”, um sujeito com produção e sentido singulares (p.79).

No acompanhamento isto se dá em ato, seja no espaço imprevisível da rua ou dentro do próprio serviço de saúde. A dupla, acompanhante e acompanhado, através de seus atos vai provocando pequenos movimentos disruptivos no social que os envolve, pequenas rotações, alterações aparentemente ínfimas, que no decorrer do tempo, apostamos, possa acolher o sujeito em sua diferença. O simples fato de pautar o caso clínico do Visconde nas reuniões de equipe, com intuito de fazer combinações coletivas ou simplesmente para dar notícias de nosso processo, provocaram uma torção na

⁷ “A noção de dispositivo aponta para algo que faz funcionar, que aciona um processo de decomposição, que produz novos acontecimentos, que acentua a polivocidade dos componentes de subjetivação” (Barros, 1994, p.15).

maneira como o mesmo era visto pelos trabalhadores, que passaram a destinar-lhe mais atenção e respeito.

Segundo Porto e Sereno (1991), no espaço imprevisível da rua, o AT tende por vezes a se posicionar ao lado do acompanhado, dando-lhe segurança para a ação; à frente, incentivando um novo movimento ou impedindo uma ação perigosa; atrás, deixando que o acompanhado experimente seu jeito de estar no mundo. Sinto alternar minha movimentação por estes posicionamentos a cada momento do acompanhamento.

Como apontado anteriormente, Visconde costuma circular muito pelo bairro, com sua bicicleta de três rodas, e recolher objetos que encontra jogado pelo caminho e julga terem alguma utilidade. Desde um simples prego a um móvel para seu lar. A pretinha tem uma caixa, na parte de trás, perfeita para carregar seus achados. Armazena-os em sua pequena casa, na ânsia de que algum dia possam lhe ser úteis, o que com o tempo foi superlotando o espaço. Também recebe muitas doações de roupas, que nem sempre lhe servem ou são de seu agrado, e guarda todas em sua casa, formando montanhas por todos os cantos.

Tem orgulho de sua coleta, sente-se potente com sua coleção de itens e os exhibe como quem exhibe suas riquezas. O que pensar sobre essa necessidade de acumular tantos objetos? O que se apresenta? Na verdade, este não passa de um comportamento comum a todos nós, que sofremos a imposição do modo de vida capitalista, onde o mundo se atualiza a cada minuto e o consumo se torna um imperativo, nos conferindo valor e potência. Neste ponto recorro às palavras de Sousa (2003) para nos ajudar a pensar no

lugar que os objetos ocupam em nossas vidas, na cultura e de como se relaciona com as narrativas próprias:

Na impossibilidade narrativa o sujeito contemporâneo se confronta imediatamente com uma sensação de abandono e fracasso. Na medida em que não pode nada enunciar legitimamente em seu próprio nome, descobre-se estrangeiro e desesperadamente, tenta conter seu tédio e desânimo com algum artifício que restitua a sensação, mesmo incipiente, de estar contido em algum lugar. Apropriar-se do objeto confere ao sujeito um ar de superioridade e de consistência, mesmo que para isso, tenha que fechar os olhos para o imenso vazio que anima sua existência (p. 65).

Ou como pontua Baptista (1997), ao relacionar subjetividade e urbanismo, o excesso de estímulos anestesia os sentidos, no contemporâneo, o capitalismo não está restrito a um sistema econômico, mas atravessado em outros níveis da vida social, “presente nas tramas das culturas, do cotidiano, nos minúsculos espaços da ação humana” (p.174), concretizado num modo de subjetivação capitalística. As cidades da falta produzem solidão. E na solidão de sua pequena casa convive com suas preciosidades. Com o que contém.

Tomada por estas questões, de início, arrisco a sugestão de que nos ocupássemos destes objetos, no intuito de nos conectarmos a algo que me parecia poder produzir algum sentido de vida, e pudesse representar uma possibilidade de resistência aos modos hegemônicos de subjetivação. Aponto a necessidade da arrumação da casa, pois a mesma estava numa situação muito precária de higiene e não tínhamos nem como adentrá-la para sentar e conversar e era lá que na maioria das vezes o Visconde preferia permanecer, era para ir até lá que fazia seus inúmeros convites. Procurando estar atenta ao fato de que minha função era simplesmente auxiliar a tomada de decisões

sobre como conduzir-se moralmente, tomando o cuidado de não impor-me frente ao seu desejo, nem submetê-lo ao meu.

Visconde concorda prontamente, demonstra tamanha alegria com minhas visitas à sua casa, que seu corpo vibra com minhas iniciativas. Virtualidades que me fazem sentir que este pode ser um fio, uma oportunidade de embarcar em uma linha de fuga que nos leve à construção de um novo território, uma brecha para a invenção de si. Confesso que temi estar me colocando à frente, cumprindo função de incentivo e estímulo na direção de um desejo, que naquele momento, ainda era meu. E novamente busco amparo nas palavras de Sousa (2003), que refere:

O confronto com a alteridade é fundamental para interpelar compulsões conservadoras do si mesmo e abrir brechas na identidade. Neste ponto, o desenho mais claro é de uma zona de fronteira que nos mostra o quanto nos apropriamos de um sentido essencial quando pisamos na terra do outro (p.66).

“Só sei o que pode um corpo e o que o compõe e decompõe quando experimento a química do mundo!” (Neves, 2009, p. 197). Experimentamos. Ousamos. Inventamos um caminho. Na atualidade, os intercessores forçam a pensar, a problematizar a psicologia constituída, seus limites. Eles apontam uma direção, “mas é preciso abrir caminhos através de experimentações conceituais e práticas, que exigem grande atenção, trabalho e disposição para correr riscos” (KASTRUP, 2000).

3.1 No equilíbrio da alegria

Na medida em que o tempo foi passando, fui percebendo que aquele estava sendo um momento prazeroso para Visconde, na verdade estar acompanhado, me parece, o fazia muito feliz. Quando me via no CAPS, me parava para contar que havia feito novas arrumações e que eu teria uma surpresa em nosso próximo encontro – que por sua vontade seriam diários. Deixei de estar à frente, procurando re-posicionar me lateralmente, ocupando apenas o lugar de apoio e amparo, caracterizando uma função de cuidado, de holding⁸, oferecendo uma continuidade e constância, tanto física como psíquica.

“A alegria é a prova dos nove” nos lembra Stock (2010) ao citar o Manifesto Antropófago de Oswald de Andrade. Frases como: “aqui só entra coisa boa a partir de agora!”, “caco aqui, não mais!”, “agora 28a tudo entupido de alegria” e muitas gargalhadas passaram a ser recorrentes enquanto trabalhávamos na arrumação. Em vários momentos me questionava se era por aí mesmo o caminho, se esta estava sendo uma boa idéia ou se era trabalho de psicóloga... Mas, quando o percebia alegre, pensava: Deve ser por aí!

Pelbart (2003), ao refletir sobre a economia afetiva inspirada em Gabriel Tarde, revela que “a alegria tem a ver com agir conjuntamente”. Para Tarde (apud PELBART, 2003), o desejo é uma força que se irradia infinitamente e neste processo encontra com outras forças com as quais estabelece relações, operando por imitação e impondo variações ao que imitam, ou seja, inventado. Todos têm potência inventiva. Ao copiar um gesto e submetê-lo a mínima variação, por mais sutil que seja constitui uma invenção. E desta invenção

⁸ Winnicott denominou holding a função, desempenhada pela mãe, de sustentação do bebê em seu colo; a maneira como ela o segura proporcionando uma experiência de continuidade e constância física e psíquica.

outras se operam, se atualizam, num movimento constante de produção de novas associações e novas formas de cooperação.

Nessa rede de invenções, a subjetividade, uma força viva, uma potencia política, cria valores próprios e manifesta a própria potência dessa rede, produzindo uma potência de vida do coletivo, sua biopotência. “É um misto de inteligência coletiva, afetação recíproca, produção de laço” (PELBART, 2003, p. 73). E quanto mais diferentes e diversos, mais possibilidade de arranjos, encontros e combinações singulares, mais invenção. “Existir é diferir” (Tarde apud Pelbart, 2003). Ainda:

É que no pensamento de Tarde, inventar é uma grande alegria. A alegria da invenção tem haver com as novas formas de cooperação que ela enseja; a alegria é a flor natural da sociabilidade (p. 74).

Fazíamos um pouquinho a cada semana, e Visconde é quem decidia o próximo passo a ser dado. Alguns encontros se destinavam a “aproveitar” as mudanças, a vivenciar um estar-junto, ou seja, nos sentávamos, nas cadeiras que agora estavam disponíveis, para prosear, tomar um chimarrão ou café e ouvir música, num exercício de buscar algo representativo, que exigisse deciframento, que possibilitasse um espichamento do tempo, se opondo ao tempo do passageiro cadavérico (BAPTISTA, 1997). Relaxamento, repouso dos movimentos, numa espera atenta do tempo dos eventos, dispostos ao seu aproveitamento.

3.2 Efeitos de um estar-junto

O AT é um trabalho que exige do acompanhante lançar-se inteiro nele, entregar sua subjetividade e seu corpo à cena do outro e, principalmente, estar atento a alteridade e ao tempo do outro. Um tempo com o qual muitas vezes é difícil a convivência, ao qual em inúmeros momentos tentei sobrepor o meu próprio tempo, mas que, com o processo de aprendizagem mútua, do exercício de problematizar os instituídos foi sendo possível uma composição, a construção de um enredo.

Com o tempo efeitos do acompanhamento foram sendo sentidos, algumas pessoas da equipe vinham comentar que eram visíveis as mudanças no Visconde, estava aparentemente mais organizado e menos invasivo ao cumprimentar as mulheres (este era um dos maiores incômodos para equipe). Entretanto, ao receber estas notícias uma sombra de preocupação me apossou e eu passei a me questionar sobre os objetivos do acompanhamento. Não era com uma intenção higienista que havia proposto a arrumação da casa do Visconde e muito menos uma tentativa de operar uma clínica ortopédica, que se preocupa em tornar os corpos cabíveis nas formas instituídas e socialmente aceitáveis, mas sim, apostar nesta iniciativa como uma possibilidade de legitimar seu lugar, sua existência, através de sua historização, da afirmação de sua singularidade. Apostar na potencialidade de sua casa, como um “campo de experimentação de vida, de encontros, de sociabilidades, polissêmico e multifacetado” (BAPTISTA, 2005).

As roupas, que amontoadas formavam um grande monte, foram separadas. As que não lhe serviam ou não eram de seu agrado, Visconde juntava e doava ao Centro de Referência da Assistência Social (CRAS), colocando-se na posição de quem tem o governo de si passível de criar uma

nova realidade ética e estética de sua existência. E, nessa organização progressiva de sua casa e cotidiano inscreveu-se a possibilidade de reconhecer-se como alguém com capacidade de cuidar de si mesmo e estabelecer relações com os outros.

Nossas ações eram acompanhadas de uma narratividade, a história de cada objeto era trazida à cena e se misturava a história de vida do Visconde. Um pensamento-corpo de que pelo tecer das diferentes histórias seria possível a criação de um território existencial nutrido de sentidos e passível de agenciamentos subjetivos e produtores de vida, configurando uma capacidade de resistir ao que se apresenta como um desafio a própria expansão da vida.

- Ah! E essa calça aqui Visconde? Serve?

- Não! Essa é pra alguém bem gordo! Eu achei, lá pras banda de cima, tem outras aí...

- Nossa! Verdade... Mas, o senhor é tão magrinho... O que fazemos com elas?

- Bota lá na pilha do CRAS, não me serve mesmo, né? Não sei o que eu fazia com tudo isso aí... Mas, tu vê, tudo o que as pessoas põe fora...

- É... Por isso, vamos levar pro CRAS, né?⁹

Nestes momentos abria-se um intervalo em nosso tempo, operava-se uma descontinuidade, uma pausa para nos conectarmos aos afetos, as lembranças, as narrativas - que verdadeiras ou não, do ponto de vista racional – são as que nos habitam e dão um colorido a nossa singularidade, verdades

⁹ Trecho de um diálogo entre eu e o Visconde, colhido de anotações pessoais.

do corpo. A conversa tinha perna longa. O recorte de um espaço para uma experiência estética, uma invenção de um modo de habitar essa realidade fruída. “Uma forma de resistir às velozes e ininterruptas transformações do cotidiano moderno que nos imprime um ritmo frenético de rápida produção e rápido consumo” (GIACOMEL; FONSECA & RÉGIS, 2004) propiciado pela técnica e que antes de ser um prazer, se conforma como um imperativo.

Giacomel, Fonseca e Régis (2004), entendem que as revoluções da velocidade e do consumo traumatizaram o corpo pelo excessivo investimento dos sentidos – trauma do excesso – provocando uma automatização da percepção, no qual “corpo traumatizado persegue um ideal de anestese, de alívio de dor e, no extremo, de vazio” (p.98). O tempo anestésico é preenchido por si mesmo numa vivência esvaziada. O paradoxo da intensificação da incitação do corpo, muitos fluxos sobre o corpus social, produção de diferença, misturas a serem experimentadas, mas ao mesmo tempo pouca fluidez, tanto individualismo, medo e pouca capacidade de experimentar. Eram muitos objetos, muitas mágoas, muita tristeza, muito abandono, muita vontade de acolhimento, muita repetição do mesmo! O ar pesado, o ambiente apertado, tudo se tornava sufocante...

Na pressa de querer tudo e não perder tempo passamos pelas coisas sem nos deixar marcar e, assim, perdemos o tempo, a experiência a possibilidade de contato com a matéria da invenção de nossos territórios existenciais. Diante disso, optamos, desesperadamente por consumir modelos territoriais prontos, comprados, ou encontrados nas esquinas, e, que por não serem singularizantes, mas produções homogêneas, logo perdem o sentido para outro mais atual. Ainda segundo Giacomel, Fonseca e Régis (2004):

“Logo, o inimigo não esta mais num outro exterior, mas em nós mesmos... o que faz ao mesmo tempo, sua força e sua grande fraqueza. Acreditamos que a verdadeira revolução social é muito menos uma questão macropolítica (muito a da representação) e identidade ideológica, que uma questão de micropolítica e singularidade (da experiência corporal, de investimento do desejo)” (p. 99)

Foi, portanto, na experimentação que passa pelo corpo, no encontro com cada objeto acumulado, guardado em sua pequena casa, dos quais muitas vezes nem lembrava mais da existência, que nos aventuramos na experimentação da construção de uma narrativa sensível capaz de apropriar-se do tempo, fazendo com que o corpo engendrasse o espaço e, conseqüentemente, a vivência temporal, no qual seriam possíveis mudanças e a produção de novas subjetividades.

O corpo sensível e vulnerável foi se permitiu ferir e atravessar por forças capazes de ativar a potencia até então desconhecida. Outro elemento também passou a figurar em nossos encontros: o desenho. E eram muitos. Visconde encontrou no desenho uma saída para seus momentos de tédio e solidão. Comprou hidrocores, folhas e começou a desenhar imagens copiadas de livros. Suas preferidas eram pássaros. Que voa livre, leve, virtualiza no ar um caminho. Mas também faz ninho e volta para sua proteção. Fazia muitos desenhos e quando prontos, presenteava as pessoas de sua convivência. Novas composições, outros arranjos, uma estética e uma prática de ocupação de si (PRADO, 2009). Foi lindo. Entre tantas maneiras que poderia ter gasto seu dinheiro, pois precisava de muitas coisas (pelo menos na minha obtusa e capitalística forma de ver), escolheu investir em algo que realmente necessitava e lhe dava prazer.

A intensidade das forças e linhas expressivas daquele corpo agora percorria folhas em branco, que lhe garantiam uma existência, um território, um contorno-passarinho, “moda ave”.

Por viver muitos anos dentro do mato

Moda ave

O menino pegou um olhar de pássaro

Contraíu visão Fontana

Por forma que ele enxergava as coisas

Por igual

Como os pássaros enxergam.

(Manoel de Barros, Poemas Rupestres, 2004, p.11)

E também na repartição em pedacinhos que eram distribuídos, se fazendo presente na vida de outras pessoas. Ganhou de um vizinho uma maleta de couro e a usava para guardar seus tesouros: as hidrocores, os desenhos e algumas fotos. As fotos, marcas de uma história, que em quase todos nossos encontros eram trazidas a cena como preciosidades e serviam de roteiro para uma narrativa. Também fotografamos alguns momentos de nossos encontros, pois entendi que cabia a mim auxiliar na composição desta trama. Visconde gostava muito de ter registros seus. Possíveis inscrições no tempo, que sinalizavam e produziam consistência as suas memórias, possibilitando um concreto encontro com sua história.

Visconde também passou a receber amigos em sua casa, para conversar, tomar um café e comer umas bolachas, como ele mesmo se refere – sempre tinha algo comestível especial para oferecer a quem o visitasse. Tornando possível a multiplicação das relações, criando novos modos de se relacionar e formas de existir, inaugurando pela experiência do AT, numa

política da amizade (PALOMBINI, 2007). Até então, eu era a única pessoa que freqüentava sua casa. Estes efeitos confirmam e afirmam a idéia de que o “eu” surge a partir de uma relação que sustente descontinuidades, espaços vazios, diferenças, pois fizeram parte de nossas conversas, durante o acompanhamento, inúmeras queixas de solidão ou expressões da vontade de que as pessoas viessem a sua casa da mesma forma que eu o fazia, e, então, em outro tempo, no tempo do intervalo de nossos encontros outros movimentos foram possíveis.

4 A CLÍNICA DA ALEGRIA OU DESENROLAR DO FIO

Visconde chega ao serviço, dá mostras de que não esta bem: - *A coisa não ta boa... Tá tudo ruim... Não tem mais graça...* Sente-se desanimado e com vontade de “sumir”. Abatido, frágil, sem cor, o corpo que parecia não agüentar mais. Já havia chegado ao serviço em outros momentos em estado semelhante, mas naquele dia algo estava diferente. Não sei se era eu que estava diferente ou nós, pois já tínhamos um vínculo e uma experiência de estar-junto, sei que naquele dia havia uma diferença, uma pequena percepção, uma vertigem sutil. Havia uma desestabilização, algo convocava a um rearranjo, a invenção de um novo território. Não sabia bem o quê, mais algum desvio precisava ser produzido. Senti que precisava me deixar invadir pelas sensibilidades daqueles múltiplos fluxos, me transformar em corpo-passagem e corpo-caminho para adentrar naquele território micropolítico (COSTA; MOEHLECKE & FONSECA, 2004).

A condução ética da clínica bate a porta e pede passagem. Rodrigues e Tedesco (2009), ao tratar deste assunto indicam que devemos nos empenhar em incentivar o movimento das forças, instauração e manutenção dos jogos de poder, em seu sentido Foucaultiano. Para tanto, devemos estrategicamente escapar de estados de dominação, realizando sobre nós mesmos um trabalho “que ao mesmo tempo nos transforme, opere deslocamentos de forças nos

jogos de poder” (p.92) e nos impeça de subjugar o outro e de sermos subjugados. Referem ainda que através do exercício do poder sobre nós mesmos, mantendo uma relação consigo questionadora e desestabilizadora, nos colocamos no caminho ético e concluem:

Enfim, as respostas nunca estão dadas, cabe a cada instante retomar a atitude de problematização do nosso modo de ser e agir: como conduzir a clínica sem recair em esquemas já estabelecidos, sem recorrer as normas e leis já instituídas, ou seja preceitos universais, impositivos de homogeneização? Como incitar o outro a experimentar a fragilidade da identidade, que acreditava verdadeira, e a partir daí instituir novos modos de viver? Como acompanhar a elaboração de novas regras para o viver, indicações que funcionem como regras facultativas e singulares, sempre prontas a serem interrogadas?(RODRIGUES & TEDESCO, 2009, p.92).

Empenho-me por um devir questionador que me ultrapasse. Perguntas que me fiz e venho me fazendo a cada passo, sempre que visualizo a possibilidade de uma bifurcação, a construção de um plano que se faça ao modo rizoma, composto por linhas que se conectam aleatoriamente (KASTRUP, 2000). Mas as respostas não estão dadas, é preciso mapear os afetos a cada novo encontro, instaurar um estado de abertura constante, que nos permita sentir com a pele. Deixar que os movimentos do corpo invadam a consciência, tornando-a capaz de captar os mais ínfimos movimentos dos outros corpos (GIL, 2004). Abrir-se ao encontro, expor-se e deixar-se afetar pelo outro.

Arrisco um acolhimento pela palavra. Visconde repete as mesmas frases e acrescenta: diz que já empenhou todo o seu dinheiro, está “liso”, investiu tudo na pretinha (seu triciclo) e não sobrou para comprar os suprimentos que necessitará ao longo do mês e muito menos pagar a ida mensal ao barbeiro.

Percebo que está com a barba bastante crescida e com prurido devido à coceira ocasionada pelo calor. Mostra-se incomodado com isso também. Falamos sobre essa situação, da necessidade de se guardar parte do benefício para suprir as despesas durante o mês e no que ele estava dizendo com “sumir”. Na verdade, eu falo, Visconde está quieto, deitado em um colchonete e eu sentada, ao seu lado, no chão. Sinto que é preciso compartilhar seu estado, conectar-me, produzir um novo enunciado que, começo a prever, não vai ser pela conversa. Faz-se necessário avaliar e tomar decisões encarnadas na experiência concreta. Apreender os movimentos do território.

Pergunto a Visconde se tem alguma idéia do que poderia ajudá-lo a sentir-se melhor. O mesmo dá de ombros, coça a barba comprida e permanece em silêncio. Um silêncio triste, solitário, cortante. Também fico em silêncio, é preciso deixar o corpo falar. Lembro de nossos momentos em sua casa, das arrumações, das histórias, do quanto “fazermos junto” era potente e, de um objeto em especial: uma loção pós-barba guardada há muito tempo, presente de sua antiga terapeuta de referência. Arrisco uma nova interrupção do intervalo denso que se seguiu e pergunto se ao fazer a barba sentir-se-ia melhor. Respondeu que sim. Então, num ímpeto inventivo, convido-o a fazermos sua barba no CAPS, juntos. Visconde responde que sim com o corpo inteiro, vai se levantando do chão, falando que não tem o aparelho de barbear e muito menos como comprá-lo. Acompanho seus movimentos e sugiro emprestar o dinheiro para comprarmos, com a condição que me devolva no próximo mês. Visconde aceita e então vamos até a farmácia do bairro e compramos o aparelho descartável. Combinamos de nos encontrar à tarde para realizar o ato de barbeá-lo.

Quando retorno do almoço vejo que o Visconde já está de volta ao serviço me esperando, animadíssimo. Carrega consigo os materiais necessários (toalha, sabonete e a loção pós-barba guardada há muito tempo). Convidamos uma trabalhadora do serviço para nos auxiliar - visto que nunca tinha feito isto antes. Os dois passam a me orientar quanto a necessidade de água aquecida, quantidade de espuma, sentido que devo raspar o pelo. Estou um pouco tensa. Visconde senta-se na cadeira e se entrega a minha total inexperiência, fecha os olhos e confia em meu cuidado. É um momento muito especial, sensível, delicado e suave. Os corpos relaxam. Por um instante, tive a impressão de o Visconde ter atingido um estado alterado de consciência, tamanha sua entrega.

Gesto de acolhimento. Compartilhamos um acontecimento, como se o universo inteiro se abrisse a um devir-outro. Num encontro que suscita paixões alegres, experimentamos a potencia deste encontro no cuidado em ato. Criamos um espaço de intimidade tão desconcertante, quanto acolhedor, comum a tantos outros enredos e ao mesmo tempo singular. Temos a chance de aprender com ele.

Um momento de travessia. Impulsionado por um devir-criança-em-nós que assegura a ética da experimentação das potências, da movimentação curiosa que está sempre a inventar de um modo risonho e com a marca dos acessos de alegria, produzimos a vida como obra de arte. Que “realiza experiências de pensamento com o corpo todo” (CECCIM; PALOMBINI, 2009, p.309). Colocando em movimento um processo que possibilita a produção de formas de viver, de sentir e de conhecer. Ainda existe a dor, o desespero, a

violência, não se trata de mudar a vida, mas afirmá-la nos modos de cuidar, apostando na transformação do que paralisa o movimento.

O ato de cuidado, segundo Ceccim e Palombini (2009) só se torna possível no enfrentamento dos movimentos de exclusão da alteridade. Para cuidar é necessário expor-se ao outro. Sensibilizar-nos, fazer do nosso corpo afetivo e passível de afetação. Estar junto, remando no mesmo barco. Na cena narrada, compartilhamos do cuidando em ato, cada um vivendo parte de si no outro.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS OU FIM DO FIO

O acompanhamento terapêutico que vinha sendo realizado com o Visconde se encerrou com minha saída do serviço. Muitas outras cenas poderiam ter sido apresentadas, muitos outros caminhos poderiam ter sido trilhados, mas no entrecruzamento de nossos territórios existenciais, na singularidade desta experiência foi esta a tessitura possível. Os afetos produzidos nos levaram a interrogações das práticas instituídas e ao exercício de constituição de outros modos de vida, abrindo brechas para a alegria de viver. O corpo do Visconde se abriu ao amor, a um novo amor. No final de nosso percurso encontrou um amor para chamar de seu, compraram um casa e soube que estão casados. Se aventuram na experiência de viver as dores e as delícias de um estar-junto. A residente aqui, certamente outra, tem sua postura afetada e ampliada pela noção de que a alegria dos encontros é uma das potências do corpo, talvez a mais intensa, embora muitas outras ainda nos sejam desconhecidas.

Pergunto-me (ainda e sempre!) se essa experiência de abertura tem sido possível aos trabalhadores dos serviços de saúde. Certamente, enquanto residente - sujeito híbrido, nem dentro nem fora, habitante do entre - temos apoio de nosso programa de residência para esse modo cartográfico de compor com os campos – nossa primeira semana na residência se destina a

nos perdermos nas cidades-cenários de nossas práticas. Temos espaço para exercitar o tempo de espreita, para um reconhecimento atento e uma receptividade afetiva ao que vamos encontrando no território ao qual nos acoplamos. - Inventem! Estranhem! Se afetem! Transdisciplinarizem! Dizem-nos sem titubear.

Nos serviços percebo que, na maioria das vezes, são bem-vindas nossas intervenções, que são como oxigenações numa atmosfera por vezes sufocante. E, então, na composição deste plano de engendramento de forças, neste encontro, é possível compartilhar da ampliação de nossos modos instituídos de viver? De uma clínica transdisciplinar, que possibilite processos inventivos e a alegria? Compartilhamos perguntas, devires ou prescrições? Tem sido possível compartilhar imagens de possibilidades de produção de alegria e alívio no cotidiano de trabalho, implicado com um agir antimanicomial? De que maneira, a residência, vem se relacionando com os processos que capturam o trabalho vivo em ato?

Enfim, questões para seguirmos pensando em como nos educamos para o cuidado, nas maneiras que dispomos para construir intervenções implicadas com uma clínica que se pense ética, estética e politicamente. A partir do olhar sensível as pequenas coisas, compondo novos saberes e transformações no cotidiano.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, F. L. **O equilibrista**. São Paulo: Ática, 2008.

ALVAREZ, J.; PASSOS, E. Cartografar é habitar um território existencial. In: PASSOS, E., KASTRUP, V., ESCÓCIA, L. (orgs.). **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2010.

ALVES, Rubem. **Variações sobre o prazer: Santo Agostinho, Nietzsche, Marx e Babette**. São Paulo: Editora Planeta Brasil, 2011.

BAPTISTA, Luis Antonio. As cidades da falta. In: SILVA, André Eiraldo et al. (orgs.). **SaúdeLoucura 6 - Subjetividade**. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.

BAPTISTA, Luis Antonio. “Dispositivos residenciais e as máquinas de morar”. In: JACÓ-VILELA, Ana Maria; CEREZZO, Antonio Carlos; RODRIGUES, Heliana de Barros Conde. (orgs.). **IV Encontro Clio-Psyché – História e Memória**. 1. ed. Juiz de Fora: Clioedel – Clio edições Eletrônicas, 2005.

BARROS, Manoel de. **Livro das Ignoranças**. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1994.

BARROS, Manoel de. **Poemas Rupestres**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2004.

BENJAMIN, Walter. O Narrador. In: **Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Obras escolhidas, vol.1. São Paulo: Brasiliense, 1985.

CABRAL, C. V. **Acompanhamento terapêutico como dispositivo da Reforma Psiquiátrica: considerações sobre o setting**. Tese de mestrado do Programa de Pós-graduação em Psicologia Social e Institucional do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2005.

CALVINO, I. **O visconde partido ao meio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CECCIM, R.; PALOMBINI, A. **Imagens da infância, devir-criança e uma formulação à educação do cuidado**. Florianópolis: Psicologia&Sociedade, vol. 21, n 3, 2009.

CERVANTES, M. **Dom Quixote**. São Paulo: FTD, 2002.

COSTA, F. T.; MOEHLECKE, V.; FONSECA, T. M. G. Abrir o corpo da clínica. In: FONSECA, Tania Maria Galli, ENGELMAN, Selda (orgs.). **Corpo, arte e clínica**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

GIACOMEL, A. E., RÉGIS, V. M., FONSECA, T. G. Que tal um banho de mar...para ativar a potência política do corpo! In: FONSECA, Tania Maria Galli, ENGELMAN, Selda (orgs.). **Corpo, arte e clínica**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

GIL, José. Abrir o corpo. In: FONSECA, Tania Maria Galli, ENGELMAN, Selda (orgs.). **Corpo, arte e clínica**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

KASTRUP, Virgínia. A psicologia na rede e os novos intercessores. In: FONSECA, T. M. G.; FRANCISCO, D. J (orgs.). **Formas de ser e habitar a contemporaneidade**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000.

MERHY, E. E. Os CAPS e seus Trabalhadores: No Olho do Furacão Antimanicomial. Alegria e Alívio como Dispositivos Analisadores. Campinas, 2004. In: HYPERLINK <http://WWW.paginas.terra.com.br/saude/merhy>

MOEHLECKE, Vilene; FONSECA, Tania Maria Galli. Da dança e do devir: o corpo no regime do sutil. **Rev. Dep. Psicol.,UFF**, Niterói, v. 17, n. 1, jun. 2005. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-80232005000100004&lng=pt&nrm=iso. acessos em 12 jan. 2013. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-80232005000100004>.

NEVES, Cláudia Abbês Baêta. Gilles Deleuze e Política: interferências nos modos de se estar nos verbos da vida. In: TEDESCO, Silvia, NASCIMENTO, Maria Livia (orgs.). **Ética e Subjetividade: novos impasses no contemporâneo**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2009.

PALOMBINI, Analice de Lima. **Vertigens de uma psicanálise a céu aberto: a cidade**. Tese de doutorado do Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva do Instituto de Medicina Social da Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 2007.

PALOMBINI, A. L. **Acompanhamento terapêutico na rede pública: a clínica em movimento**. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

PASSOS, E., BARROS, R. B. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, E., KASTRUP, V., ESCÓCIA, L. (orgs.). **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2010.

PELBART, P. P. Da função política do tédio e da alegria. In: FONSECA, T. M. G.; KIRST, P. G (orgs.). **Cartografias e Devires: a construção do presente**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

PELBART, Peter Pál. O corpo do informe. In: FONSECA, Tania Maria Galli, ENGELMAN, Selda (orgs.). **Corpo, arte e clínica**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

PELBART, Peter Pál. **Elementos para uma cartografia da grupalidade**. Acesso em 26/01/2013. Disponível em: <http://www.itaucultural.org.br/proximoato/pdf/textos/textopeterpelbart.pdf>

PORTO, M.; SERENO, D. “Sobre acompanhamento terapêutico”. In: A CASA, Equipe de Acompanhantes Terapêuticos do Hospital Dia (org.). **A rua como espaço clínico: acompanhamento terapêutico**. São Paulo: Editora Escuta, 1991.

PRADO, K. F. Considerações a cerca do cuidado de si mesmo contemporâneo. In: TEDESCO, Sílvia, NASCIMENTO, Maria Lívia (orgs.). **Ética e Subjetividade: novos impasses no contemporâneo**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2009.

RODRIGUES, Cristiano; TEDESCO, Sílvia. Por uma perspectiva ética das práticas de cuidado no contemporâneo. In: TEDESCO, Sílvia, NASCIMENTO, Maria Lívia (orgs.). **Ética e Subjetividade: novos impasses no contemporâneo**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2009.

ROLNIK, Suely. Pensamento, Corpo e Devir: uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico. **Cadernos de Subjetividade PUC-SP**. São Paulo, vol.1, n 2, 241-251, 1993.

ROLNIK, Sueli. “Fale com ele” ou sobre como tratar o corpo vibrátil em como. In: FONSECA, Tania Maria Galli, ENGELMAN, Selda (orgs.). **Corpo, arte e clínica**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

SOUSA, Edson L. A. Utopias como âncoras simbólicas. In: FONSECA, T. M. G.; KIRST, P. G (orgs.). **Cartografias e Devires: a construção do presente**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

STOCK; Bianca Sordi. **A Alegria é a prova dos nove: o devir-ameríndio no encontro com o urbano e a psicologia**. 2010. Dissertação (Mestrado) – UFRGS, Programa de Pós-graduação em Psicologia Social.